

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni - Maio de 2018

A MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DO ALUNO DE ENSINO MÉDIO

Crovymara Elias Batalha¹

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo demonstrar como é importante a motivação de alunos do ensino médio, para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra e seja completo, possibilitando a construção de conhecimento significativo. O processo metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, associado a vivência de três décadas de sala de aula. Assim para ensinar professores e alunos têm de acompanharem as transformações e complexidades do tempo.

Palavras-chave: Motivação, Prática Pedagógica, Aprendizagem Significativa

ABSTRACT

The present article aimed to demonstrate how important is the motivation of students from highschool, so that the teaching and learning process occurs and is complete, enabling the construction of meaningful knowledge. The methodological process used was the bibliographical research, associated to the experience of three decades of classroom. So to teach teachers and students must follow the transformations and complexities of time.

Key Words: Motivation, Pedagogical Practice, Significant Learning

1 INTRODUÇÃO

Dentro do contexto educacional, a motivação para a aprendizagem no Ensino Médio tem se apresentado como um grande desafio para professores e gestores das escolas, uma vez que está intrinsecamente ligada a diversos fatores que implicam diretamente na qualidade do envolvimento do aluno com seu processo de aprendizagem.

¹ Possui graduação em História pela UFOP (1986). Especialista em história do Brasil. Atualmente é Diretora da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Mariana (MG) - UNIPAC-MARIANA. Bacharel em Direito. Mestranda em Ciências Pedagógicas pela Universidad de Matanzas, Cuba. batalhaelias@yahoo.com.br

Tendo em vista que o processo de aprendizagem é pessoal e também um resultado de experiências significativas tanto do passado como do presente que influenciam as aprendizagens futuras, torna-se necessário levar em consideração a motivação do aluno para a aprendizagem.

Numa perspectiva construtivista-cognitiva, a aprendizagem é um processo individual advinda de um processo experimental que resulta na construção de conhecimentos e de modificação do comportamento, ou seja, ao aprender, o aluno aumenta os conhecimentos que já tem, fazendo ligação com sua realidade, adquirindo novas estruturas cognitivas organizadas de acordo com suas necessidades de uso do conhecimento que foi ampliado.

Desta forma, a educação tem como principal objetivo levar o aluno de um nível inicial de conhecimento a um nível final, cabendo aos educadores proporcionar situações de interação que propicie este caminho.

Para que essa aprendizagem desejada se concretize, é necessário também que os alunos se sintam motivados a aprender tanto quanto o professor precisa estar motivado para ensinar, pois, mesmo que a aprendizagem seja individual, a construção do conhecimento só pode ser visto como uma construção coletiva que se dá através das interações estabelecidas pelos alunos.

Desta forma, este artigo tem a proposição de analisar a orientação motivacional dos alunos do Ensino Médio a partir do conceito de motivação relacionado ao de aprendizagem e as diferentes estratégias utilizadas para isso.

2 ENTENDENDO O CONCEITO DE MOTIVAÇÃO

O dicionário Aurélio (2009) conceitua a palavra “mover” como dar ou comunicar o movimento feito em direção a algo ou a alguma coisa. Ao mesmo tempo, a palavra motivação tem sua origem na língua latina “movere”, apresentando o mesmo significado.

Assim, podemos definir motivação como o fator susceptível de movimento do ser humano que o leva a agir intencionalmente, ou seja, com o objetivo de atingir algo ou alguém através da produção de um comportamento orientado. Assim, motivação é um impulso que resulta em uma ação, estando ligado a vontade e ao

interesse de alguém por algo. É a vontade de fazer qualquer esforço para alcançar determinadas metas (ALONSO, 2006).

O termo motivação tem ligação tanto com a Psicologia quanto com a Filosofia que o definem como condição que influi o comportamento a determinada direção incentivando o indivíduo a persistir em seus objetivos sendo dividido em dois fatores primordiais: um que é extrínseco e o outro intrínseco, estando ligado ao ser. Fator é o que contribui para que o indivíduo alcance os resultados, assim, o fator intrínseco está ligado a satisfação das necessidades básicas, enquanto que o extrínseco contribui para a realização dos desejos. Candeloro (2008, p. 9) coloca que:

Ao considerar a motivação dos colaboradores na organização, é prudente contar com inúmeras variáveis que despertem o interesse de fazer algo para atingir um objetivo. Embora algumas motivações se assemelhem do ponto de vista da sobrevivência, como o dinheiro que compra a alimentação e garante a segurança pessoal e familiar, ou ainda, do acesso às compras e à conseqüente satisfação de consumo desejado, existem tantas outras fontes de motivação quanto for o número de pessoas no mundo.

Quando o aluno está desmotivado a sua aprendizagem fica prejudicada. O professor precisa estar atento para reconhecer essa condição no aluno e buscar formas de intervir e motivar em seu aluno o desejo de aprender. Para aprender é necessário o querer e a escola tem dificuldade em despertar esse querer. De acordo com as teorias motivacionais existentes, querer é uma necessidade particular que precisa ser provocada no aluno (BERRY. 2003).

No mundo em que vivemos hoje, onde todos os estímulos estão do lado de fora dos muros da escola, motivar o aluno a aprender é um sério problema que a escola enfrenta. O que se vê na escola hoje são alunos desmotivados e professores sem a menor noção do que fazer para enfrentar o mundo tecnológico lá fora.

A falta de motivação na aprendizagem leva a inúmeros prejuízos para o aluno e a sociedade. Neste sentido, Mumford (2001, p. 8) diz que,

A maioria das pessoas não aprendem coisas a não ser que haja um motivo para isso, em especial no contexto do trabalho, pessoas diferenciadas procuram diferentes benefícios incluindo: Um desejo de aumentar sua competência no trabalho atual; Um desejo de desenvolver sua competência em novas áreas de aptidão ou conhecimento; Um desejo de melhorar suas perspectivas de carreira; Um desejo de melhorar a satisfação pessoal que essas pessoas obtêm de seu trabalho; Um desejo menos imediato pelas

recompensas referentes a qualquer dos pontos acima- financeiros, psicológicas ou sociais.

Neste sentido, é preciso repensar a prática pedagógica aplicada, de forma a chegar às técnicas e ferramentas que favorecem a aprendizagem do aluno, é preciso que o professor saiba como motiva-los, como despertar o desejo de aprender.

Hoffmann (2009) coloca que o professor tende a culpar o aluno pela não aprendizagem. Porém, são vários os fatores que levam a não aprendizagem e para detectá-la com precisão é preciso que se faça uma avaliação diagnóstica. De forma a detectar com clareza o “por que” do aluno não querer aprender.

Sabe-se que não existe apenas uma resposta para este questionamento, mas sim um conjunto de fatores intrínsecos e extrínsecos, não podendo, portanto, ser descartada a hipótese motivação. “A motivação do aluno, portanto, está relacionada com trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula” (Boruchovitch e Bzuneck, 2002, p. 9).

Para os mesmos autores,

Em sala de aula os efeitos imediatos da motivação do aluno consistem em ele envolver-se ativamente nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem, o que implica em ele ter escolhido esse curso de ação, entre outros possíveis ao seu alcance” (p. 11). “Quando se considera o contexto escolar específico da sala de aula, as atividades dos alunos, para cuja execução e persistência devem estar motivados, têm características peculiares que as diferenciam de outras atividades humanas igualmente de motivação, como esporte, o lazer, o brinquedo, ou trabalho profissional (p. 10).

Desta forma, pode-se concluir que a motivação tem uma estreita relação com a intencionalidade, uma vez que o indivíduo busca dentro de si os motivos para a realização dos seus intentos e sonhos, ou seja, nada é aleatório, em tudo que fazemos há uma intenção.

No entanto, o aluno não encontra em sala de aula a motivação necessária para o aprendizado. Ficar horas sentado, cumprindo um currículo que nada tem a ver com sua realidade e que lhe é repassado de forma mecânica não é, de maneira nenhuma, motivador.

Adelman e Taylor (1983) apud Bzuneck (2005, p. 14), lembram o que todo educador já sabe por experiência própria que:

Se o aluno é motivado a aprender alguma coisa, poderá chegar a resultados surpreendentes, mais do que poderia prever com base em outras características pessoais. Já o aluno desmotivado apresentará sub-rendimento em suas aprendizagens, ou seja, terá um desempenho medíocre, abaixo de sua capacidade, fato particularmente lamentável quando se trata de alunos talentosos.

A afirmação dos autores acima destaca a relevância da motivação para a aprendizagem, pois, mesmo o aluno não tendo dificuldades para aprender, se não estiver motivado, esta aprendizagem não será de qualidade, acabando por prejudicar seu desenvolvimento e seus resultados finais.

A motivação deve ser vista como uma forma de provocar no aluno o desejo de aprender, mas também deve ser levado em conta o tempo de aprendizagem de cada aluno. O desempenho de alguém depende não somente de suas capacidades intelectuais, mas também de suas motivações e interpretações das situações de aprendizagem as quais é submetido, ou seja, é preciso que o aluno queira.

Ao mesmo tempo, a motivação corresponde a um conjunto de fatores psicológicos, conscientes e não conscientes, de ordem fisiológica, intelectual ou afetiva que atuam entre si determinando o padrão de conduta que o aluno vai adotar.

Para Assunção e Coelho (2009, p. 15),

Desde o início do desenvolvimento da criança, o fator motivação demonstra sua importância, pois para elas a medida que a criança cresce seu autoconceito e o conhecimento que ela tem de si mesma vão se estabelecendo. A maneira pela qual ela se vê, o jeito pelo qual ela se sente, irá influir e apesar desse processo é muito fácil influenciar a criança, para que ela realize uma atividade, que vá contribuir para a sua autoestima, porque quanto mais a criança espera de si mesma, e quanto mais acha que outros esperam dela, maiores serão seus motivos para atingir um objetivo.

Assim, a motivação para aprender está direcionada por um fator interno, ligada a uma condição prévia para a aprendizagem. É através desta que são ativadas as habilidades necessárias para o aprendizado. Neste sentido, trabalho motivacional da escola deve envolver todos, principalmente porque a motivação positiva é o que leva o indivíduo a buscar conhecimento, mudar seu comportamento e refletir essa mudança na sociedade em que vive.

Dentro do contexto escolar, Brophy (1999) traz importantes concepções e contribuições para que se estabeleçam diferenças entre motivação direcionada para o aprendizado e motivação de desempenho.

Este autor esclarece que aprender diz respeito ao processamento de informações, ou seja, a busca de sentido e compreensão do conhecimento que está sendo adquirido. Já o desempenho, ainda segundo o autor, é a demonstração dos conhecimentos já adquiridos.

Brophy também coloca que a motivação para o aprendizado pode ser considerada como um estado específico ou uma disposição geral para uma determinada situação. Isso quer dizer que: quando um aluno é orientado para aprender, todos os seus sentidos estão voltados para essa ação e para o aperfeiçoamento do conhecimento que já possuem.

Todo esforço se volta para a aquisição do conhecimento, tornam-se persistentes na busca de seus objetivos e enfrentam os desafios muito melhor preparados, buscando soluções criativas para o enfrentamento dos problemas que encontram neste percurso.

Quando o aluno direciona seus esforços para a aquisição de conhecimentos, ele seleciona as atividades mais interessantes e, a partir dela, estabelece as relações pertinentes com suas necessidades e as de sua realidade, percebendo a atividade de modo significativo, ampliando o horizonte de possibilidades e abarcando outras atividades que considerava desinteressante.

Por outro lado, o aluno focado apenas no resultado, com o passar do tempo esquecem o que aprendeu, pois não estabelecem as mesmas relações que os alunos orientados para a aquisição do conhecimento.

Bzuneck (2005) coloca que o ambiente da sala de aula influi diretamente no que diz respeito a motivação para a aprendizagem, diferindo substancialmente de outros ambientes. Estas diferenças se dão justamente pelo modo como a escola conduz seu currículo e pelas suas normas.

A obrigatoriedade de o aluno estar em sala de aula, a disposição da sala, a forma como o professor se organiza, os conteúdos estáticos e inflexíveis, as atividades previamente organizadas e o excessivo número de alunos dentro da sala que impedem um atendimento individualizado, não dando ao professor a oportunidade de motivar seus alunos da forma correta.

Todas essas características funcionam como fator desmotivador para o aluno e também para os professores, evidenciado a necessidade de adoção de uma prática mais adequada aos tempos de hoje, uma prática que permita ao professor não só ensinar, mas também motivar seus alunos para a aprendizagem significativa.

Os motivos elencados acima, a crescidos de provas, tempo pré determinado para cumprimento de tarefas e um currículo desvinculado da realidade do aluno são os aspectos mais preponderantes na falta de motivação tanto para aprender quanto para ensinar, uma vez que a falta de motivação é sentida também no professor.

Para Tollefson (2000) o fracasso dos alunos nas escolas hoje está intrinsecamente ligado a falta de motivação. Diversos fatores condicionam o fracasso escolar, principalmente na visão dos alunos. Para eles, os conteúdos são chatos, repetitivos, difíceis, há pouco reconhecimento por parte da escola e dos professores, as compensações são insignificantes. Na visão do professor, encontram-se fatores como resistência a mudanças, a críticas, a falta de interesse dos alunos, a falta de diálogo.

Tollefson (2000) também coloca que, muitas vezes o professor não assume sua parcela de responsabilidade na pouca atuação de seu aluno em sala de aula, tendo como justificativa justamente a falta de interesse do aluno, mas nunca a sua necessidade de autopreservação. Assim, atribuir aos fatores externos e aos alunos a culpa pelo próprio fracasso, faz com que o professor se exima de sua responsabilidade e pela motivação que deixa de oferecer a ele no espaço escolar.

Em 2004 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) conduziu no Brasil um estudo de grandes proporções com os professores com o objetivo de traçar um perfil destes profissionais.

Em suas conclusões, o estudo apontou que 78,3% dos entrevistados acreditam que o sucesso do aluno na escola está ligado ao acompanhamento que recebe de sua família durante seu percurso acadêmico.

Este percentual confirma que os professores atribuem a responsabilidade do fracasso escolar aos fatores externos, deixando de lado sua responsabilidade. Ao mesmo tempo, Casassus (2002) observa que o professor reflexivo, que mantém com seu aluno uma relação de confiança, práticas autônomas de ensino e um dialogam francos e abertos, conseguem motivar melhor seus aluno e motivar a si próprio na busca de uma aprendizagem significativa.

Além disso, seus alunos apresentam maior rendimento, não só em termos quantitativos, mas também qualitativo, pois o professor assume a responsabilidade de orientá-los rumo ao sucesso, com um trabalho centrado nas habilidades de seus alunos e nas suas estratégias de ensino.

Bzuneck (2004) coloca que a motivação como objeto de socialização não se ensina e nem se treina, mas que o professor tem a responsabilidade de motivar seus alunos, precisando para isso rever seus métodos, sua ação pedagógica abandonando preconceitos e crenças de que o professor é o único veículo de transmissão de conhecimentos, sob pena de não atuar sob uma prática inovadora e significativa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo atual pede alunos de Ensino Médio motivados e produtivos, tendo, portanto, a escola que se preocupar em se organizar de forma que haja harmonia dentro dela, promovendo a interação dos seus sujeitos, gerindo conhecimento e currículo de forma que o professor tenha oportunidade de motivar seus alunos, motivar-se e inovar em seu trabalho pedagógico, realizando-o com criatividade, reconhecendo o esforço de seus alunos e aproveitando as oportunidades de aprendizagem que surgem.

Esta filosofia traz ao aluno e ao professor maior motivação, possibilitando um clima de confiança que condiz com o desejo do ser humano de ser respeitado e reconhecido naquilo que realiza, por isso está cada dia mais exigente.

Por isso a escola tem que criar um ambiente onde o aluno ouça e se faça ouvido, que respeite e seja respeitado por todos não só como aluno, mas, principalmente, como pessoa.

Hoje, para motivar seus alunos, as escolas de Ensino Médio precisam estabelecer prioridade que traduzam o cuidado e a preocupação desta com seu aluno e, ao mesmo tempo, se traduza em um aprendizado que provoque o bem-estar e melhoria da qualidade de vida, através do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALONSO, J. L. N. et al. Validación de la Escala de Motivación Educativa (EME) en Paraguay. **Revista Interamericana de Psicología/ Interamerican Journal of Psychology**, v.40, n.2, p.391-398, 2006.

ASSUNÇÃO, Elizabete; COELHO, M.T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo, Ática, 2009.

BALL, J. Stephen; MAINARDES, Jefferson. **Políticas Educacionais: questões e dilemas**, São Paulo: Cortez, 2011.

BEHRENS, Marilda. A; ENS, Romilda, T; VOSGERAU, Dilmeire, S,R. **Trabalho do Professor e Saberes Docentes**. 2. Ed.. Paraná: Champagnat, 2012.

BERRY, R. L. Creating cooperative classrooms. **The Educational Digest**, v. 69, n. 2, p. 39-42, Oct. 2003.

BORUCHOVITCH, Evely, BZUNECK, José A. **A Motivação do Aluno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BROPHY, J. Research on motivation in education: past, present and future. In: URDAN, T C.; MAEHR, M.; PINTRICH, P. R. (Ed.). **Advances in motivation and achievement**. Greenwich : Jai Press, 1999. v.11.

BZUNECK, J. A. A motivação dos alunos em cursos superiores. In: JOLY, M. C. R. A.; SANTOS, A. A. A. dos; SISTO, F. F. (Org.). **Questões do cotidiano universitário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. p. 217-237.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 36 ed. São Paulo: Vozes, 2009.

CANDELORO, Raúl. **Gigantes da Motivação**. Ed. Landiscape, São Paulo, 2007.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: O minidicionário da Língua Portuguesa**. 7 ed. – Curitiba: ed. Positivo, 2008.

CASASSUS, J. **A escola e a desigualdade**. Brasília: INEP/Plano, 2002.

DEMO, Pedro. **Educação Hoje- Novas Tecnologias, pressões e oportunidades**, S.P, Atlas, 2009.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação Mediadora; Uma Prática da Construção da Pré-escola a Universidade**. 17. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MUMFORD, Alan. **Aprendendo a Aprender**. Editora: Nobel, São Paulo, 2001.

NEVO, D., **Evaluation in Education: Meaning, Roles and Methods**, "Megamot, Vol. 29 (4), p. 428-440, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o**

que almejam. São Paulo: Moderna, 2004.. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>>. Acesso: 10 abr. 2017.

TOLLEFSON, N. Classroom applications of cognitive theories of motivation. **Educational Psychology Review**, v.12, n.1, p.63-83, 2000.